

CONCLUSÃO

1. Síntese da pesquisa

1.1 A utilização do Antigo Testamento pelo livro do Apocalipse

O estudo dos métodos relacionados ao uso que o Apocalipse fez dos textos do Antigo Testamento considerou, em um primeiro momento, a existência de um conjunto de procedimentos que buscavam compreender o modo através do qual o autor do Apocalipse se apropriou dos textos vétero-testamentários e os inseriu em seu texto. Num segundo momento, considerou a abordagem intertextual que, tomando alguns elementos das perspectivas anteriores, vem oferecendo à pesquisa exegética a possibilidade não apenas de observar o modo de utilização do texto antigo em um novo texto, mas também insere a função do leitor.

Os primeiros procedimentos trabalhavam, de modo geral, com um modelo de pesquisa que objetivava detectar o modo de atuação do autor do Apocalipse quanto ao emprego dos textos vétero-testamentários em seu texto. Contudo, em decorrência da ausência de uma definição precisa a respeito do método empregado pelo novo autor ao usar os textos antigos, tais procedimentos apresentaram-se insuficientes para responder a questões relacionadas à diversidade no modo como o autor do Apocalipse apropria-se dos textos antigos e como este manuseio afeta o novo texto e o seu leitor.

A questão da habilidade com que o autor do Apocalipse manuseou os textos do Antigo Testamento ao compor o seu texto atingiu também o tipo de texto. De fato, em alguns momentos, este autor recorre ao texto da LXX e, em outros, ao Texto Hebraico. Tal procedimento decorre de um critério: onde a LXX seguiu de forma fiel o Texto Hebraico, o autor do Apocalipse o segue, mas quando esta se mostra pouco constante, o texto seguido é o Hebraico⁶⁷⁸. Esta seleção decorre da intenção lingüística e teológica do hagiógrafo, portanto, não se trata apenas de uma opção de

⁶⁷⁸ Cf. VANHOYE, A., 'L' utilisation du livre d'Ézéchiél dans l' Apocalypse, 446.

traduções, é antes uma escolha de um texto que mais perfeitamente fale à memória do leitor/ouvinte.

A compreensão sobre o tipo de texto utilizado pelo autor do Apocalipse ao recorrer ao texto de Ezequiel foi um dos elementos de investigação do trabalho de Vanhoye. Segundo ele, o texto de Ezequiel presente no Apocalipse foi administrado de modo livre sem estar vinculado a uma dependência com o texto anterior. Haveria um trabalho que estaria em acordo com a intenção teológica do novo autor.

O emprego ordenado dos textos de Ezequiel e seu caráter litúrgico perpassaram a pesquisa de Goulder⁶⁷⁹ e de Ruiz⁶⁸⁰. Já Vogelgesang⁶⁸¹ entende que o escopo do autor seria democratizar e desmitificar as tradições da mística judaica presentes no texto de Ezequiel e redimensioná-las para retirar-lhes os exageros eventualmente impostos por esta estrutura de pensamento.

Uma abordagem através de fenômenos lingüísticos entendeu serem as anomalias presentes no texto reflexo de uma inabilidade do autor neotestamentário ao manipular os textos vétero-testamentários. O gênero apocalíptico, por sua vez, não foi instrumento de cerceamento da liberdade do autor. Ele segue modificando o texto anterior e mesclando a partir da concepção do Cristo Ressuscitado. O mesmo ocorreu com as tradições judaicas. O autor as administra segundo o seu objetivo teológico e não se faz subordinado a estas.

O procedimento intertextual tem auxiliado a pesquisa exegética a detectar como o autor elaborou o seu trabalho de redação tomando por base tradições e como a decodificação exercida pelo leitor promove a captação das conexões estabelecidas pelo autor.

⁶⁷⁹ Cf. GOULDER, M. D. "The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies" *NewTestStud*, v. 27, 342-367, 1981.

⁶⁸⁰ Cf. RUIZ, J.-P. *Ezekiel in the Apocalypse: The Transformation of Prophetic Language in Revelation 16,17-19,10*. New York, Peter Lang, 1989.

⁶⁸¹ Cf. VOGELGESANG, J. M. *The Interpretation of Ezekiel in the Book of Revelation*. Cambridge: Harvard University, 1985.

1.2 O estudo de Ap 22,1-5

Após a vitória do Cordeiro sobre todo o mal (cf. Ap 17-19) e da derrota impingida aos inimigos de Deus (cf. Ap 17.18), o autor do Apocalipse concentra sua atenção sobre a Cidade Santa que desce do céu e a descreve minuciosamente: nela não existe templo (cf. Ap 21,22), porque tudo nela é sagrado e consagrado pela presença de Deus. Conseqüentemente, não haverá sofrimento nem morte (cf. Ap 21,3-6). Sua arquitetura é especialmente reluzente, resplandecente de glória (cf. Ap 21,10-11), com medidas (cf. Ap 21,15-17) e materiais específicos (cf. Ap 21,18-21); a Nova Jerusalém possui portas que não se fecham (cf. Ap 21,12.14); e, para ela as nações convergem com seus tesouros e nada de impuro nela entrará (cf. Ap 21, 24-27).

Neste contexto, encontra-se o texto de Ap 22,1-5, que assume particular relevância em função de ser o ápice de toda a cena que descreve a Jerusalém Celeste.

Os vv. 1-2 constituem o eixo de todo o texto ao descreverem os elementos que facultam a todo homem a aquisição de uma vida em plenitude. Sob o símbolo do “rio de água da vida brilhante como o cristal”, o autor do Apocalipse sintetizou conceitos intimamente vinculados à noção de vida. Um deles é o rio, que aparece como meio de promover a vida por onde quer que passe. Um outro é a água, intitulada “da vida”, que, no livro do Apocalipse, comporta a idéia teológica de vida eterna ofertada apenas por Deus e pelo Cordeiro. Além destes, está a “água da vida”, que tem como predicado ser “brilhante como o cristal”, porque é puríssima; nela nada há de impuro, ou seja, não há, nas águas do rio, nada que possa conduzir, para a vida do homem, dor, sofrimento ou o pecado.

O “rio de água da vida brilhante como o cristal” habilitaria o homem a entrar e viver uma vida plena na Cidade Santa. Entretanto, tal faculdade concedida ao rio permanece como dom gratuito de Deus e do Cordeiro conforme indica o local de procedência do rio. Esta gratuidade do dom, contudo, supõe a liberdade humana que pode ou não desejar esta água de vida plena ou recusá-la.

A imagem do “trono de Deus e do Cordeiro” oferece, além da indicação do local da origem do “rio de água da vida brilhante como o cristal”, a pessoa do

Cordeiro no mesmo nível de igualdade com o YHWH, quer pela manutenção do artigo, tal como era o estilo lingüístico do Antigo Testamento, quer pela disposição geográfica por ele ocupada: sentado no mesmo trono e receptor de igual adoração (cf. Ap 22,4-5).

O termo “Cordeiro” é um símbolo cunhado pelo autor do Apocalipse no c.5. Nele, através de várias imagens, foi descrito como imolado, de pé, receptor do livro, digno de lhe abrir os selos, resgatador de todos os homens e adorado pelos anciãos (cf. Ap 5,1-10), com o objetivo de apresentar através deste símbolo a pessoa de Cristo crucificado e ressuscitado. A morte experimentada pelo Cordeiro possui um viés escatológico na medida em que Ele foi estabelecido como o juiz deste mundo e da história (cf. Ap 5,7). Por ela, e a preço de seu sangue, todos os homens, de todas as raças, passam a pertencer ao Pai. A cristologia deste texto perpassará o livro e atingirá a perícope de nosso estudo portando os elementos nele descritos.

Assim, quando Ap 22,1 declara que o Cordeiro divide o mesmo trono com YHWH, o Deus de Israel, e com Ele se faz fonte de vida para toda a humanidade, o autor sagrado não se detém mais em descrições, apenas apresenta-O com igual poder e soberania. De seus servos receberá, tanto quanto YHWH, o culto de adoração (cf. Ap 22,4-5).

1.3 O estudo de Ez 47,1-12

A imagem do Templo assume um papel central nesta perícope, porque dele provém a água, que, em um primeiro momento, apresenta-se de modo extremamente frágil: um gotejar que brota do limiar do Templo (cf. Ez 47,1). A seguir, esta imagem de fragilidade foi paulatinamente substituída pela medição constante do nível que esta água adquiriu na medida em que se deslocava. Em princípio, era possível verificar seu crescimento tendo como parâmetro o corpo do profeta, mas, em um determinado momento, o rio que se formou a partir da água que saiu do Templo tomou tal proporção que era impossível mensurar (cf. Ez 47,3-5). Esta massa impetuosa de água em que se transformou o pequeno filete de água que saía do Templo recebe, a partir

do v. 7, o incremento da imagem de muitas árvores margeando o rio. A função destas será descrita mais tarde.

A idéia de vida que se propõe desde o primeiro versículo, através da imagem do filete de água que escorre do Templo, recebe o reforço da figura das árvores; e assim, a vida vai tomando novas conotações. Em seguida, as águas se precipitam pela estepe e vão até o mar; quando o atingem, purificam suas águas. Assim, a vitalidade das águas que escorre do Templo não encontra barreira que possam resistir, nem mesmo a altíssima salinidade das águas do mar.

A purificação do mar resulta em uma profusão de vida, pois os animais se multiplicam abundantemente e, assim, o homem tem sua vida mantida quer pelo exercício de sua profissão de pescador quer pela garantia de alimento. A vida ainda se faz sentir pela manutenção da salinidade dos pântanos que proporcionam sal para a alimentação e para o sacrifício oferecido no Templo.

A descrição da vida abundante chega ao seu ápice com a descrição, mais pormenorizada do que no v. 7, das árvores que margeiam o rio. Estas abrangem a totalidade das árvores frutíferas, resultando em uma variedade de frutos que garantem a fartura e a variedade e tornando a conservação da vida mais aprazível. A vitalidade atinge, de modo extraordinário, até mesmo as árvores: de suas folhas serão extraídos medicamentos e, de modo totalmente novo, não murcharão.

Em todo o cenário descrito ao longo da perícopes, a vida renovada pela força das águas que saem do Templo é o grande ponto de referência, mas não o ponto originante da vida. A faculdade renovadora das águas é consequência de seu local de origem conforme indicam os vv. 1.12, que abrem e encerram a cena, centrando no Templo o princípio da vida. Em outras palavras, a vida só encontra restauração em YHWH, a fonte da vida plena.

1.4 Análise intertextual de Ap 22,1-5 e Ez 47,1-12

A abordagem intertextual dos textos de Ap 22,1-5 e Ez 47,1-12 possibilitou perceber a presença não apenas de diversos contatos textuais entre o Apocalipse e o Antigo Testamento, mas também da diversidade no emprego destes textos vétero-

testamentários, exigindo o emprego de diversos critérios que permitissem perceber o modo de ação do hagiógrafo.

No texto por nós estudado, a inserção da intertextual, mostrou ser um instrumento positivo na tarefa de compreender a meticulosidade com que o autor ordenou os textos antigos no novo texto⁶⁸². Confirma-se assim, o pensamento de Moyise, segundo o qual o procedimento intertextual no estudo do Apocalipse é uma necessidade para se avaliarem os níveis de continuidade e descontinuidade presentes no texto mais novo e suas relações com o (os) texto (os) mais antigo (s)⁶⁸³. Esta busca teve como escopo perceber como se deu esta interação entre os textos, construída a partir da intenção do autor, considerando, ainda, o papel do leitor. Este último exerce, na abordagem intertextual, um papel proeminente, pois decodifica os textos a que recorre o autor sagrado, porque possui em sua memória os textos e contextos do material mais antigo e redireciona-os neste novo contexto. Assim, faz acontecer o diálogo entre os textos dentro do próprio texto.

Neste processo, a compreensão do texto se dilata, pois o leitor, tendo captado a presença de um texto anterior, dedica-se a explorar os novos significados a ele concedido. Assim, o Antigo Testamento torna-se determinante para a compreensão do Novo Testamento, do mesmo modo que este é determinante para a compreensão daquele.

Em muitos momentos, o autor neotestamentário segue o Antigo Testamento em linha de continuidade: no emprego do termo “rio” há uma manutenção da idéia teológica, do conteúdo semântico, do recurso gramatical e estilístico e aliado a estes indícios, foi detectado ainda o estrutural. Do emprego do verbo “proceder”, temos a intertextualidade ligada ao espaço arquitetônico do espaço sagrado onde Deus habita e a precisão do local de onde a vida possui a sua origem, a saber, o próprio Deus. O recurso intertextual com o tema da “água da vida” se dá com o texto de Ez 47,1-12, que descreve a capacidade da água que sai do Templo de gerar vida por onde quer que esta água passe.

⁶⁸² Cf. BAUCKHAM, R., *The Climax of Prophecy*, 199.

⁶⁸³ Cf. MOYISE, S. “The Language of the Old Testament in the Apocalypse” *JournStudNT*, v.76, 97-113, 1999.

O contato intertextual entre Ap 22,2 e Ez 47,12 revelou-se mais intenso do que com Ez 47,7, porque naquele foram encontradas minúcias na descrição que se encontram ausentes no v.7. A disposição das árvores às margens do rio (cf. Ez 47,7.12) ou no meio (cf. Ap 22,2) superam uma mera função geográfica. A intenção do texto do Apocalipse demonstrou ser a de restabelecer na mente do leitor/ouvinte a restauração do projeto de vida plena, inicialmente desejada por Deus.

Os pontos que sinalizaram uma descontinuidade entre os textos deixam antever a criatividade teológica do autor do Apocalipse, bem como sua habilidade com os textos vétero-testamentários para introduzir nestes a novidade da mensagem do Novo Testamento. Por esta razão, ao assimilar textos que indicavam YHWH como a fonte única de uma água capaz de gerar a vida, insere a Pessoa do Cordeiro assentado no mesmo trono de onde o “rio de água da vida brilhante como o cristal” eclode.

Em um só símbolo, o autor neotestamentário apresenta o Cristo-Cordeiro como Deus em igual dignidade com YHWH, por estar assentado no trono e senhor da vida por ser também ele local de onde ela brota e transmite “vida” a todos.

Assim, as expectativas escatológicas do Antigo Testamento encontram uma nova força restauradora: a cristologia, porque, somente através da paixão, morte e ressurreição, o homem recebe a vida nova.

2. Conclusões e resultados da pesquisa

O contato intertextual entre os textos de Ap 22,1-5 e Ez 47,1-12, tendo ainda outros textos vétero-testamentários como interferência, estabelecido em princípio como hipótese de trabalho, exigiu uma análise mais detalhada dos dois principais textos a fim de perceber como cada um em seu momento histórico foi elaborado por seus respectivos autores. Uma análise mais profunda dos demais textos que compõe este mosaico de textos presentes em Ap 22,1-5 não se revelou necessária para o estudo dos motivos em questão nesta tese, tendo em vista que o texto principal onde o autor do Apocalipse se apoiou foi aquele de Ez 47,1-12.

A abordagem intertextual, aplicada aos textos propostos, revelou uma grandiosa habilidade do autor do Apocalipse, que não apenas tomou textos e os dispôs uns ao lado dos outros, mas também selecionou-os, tendo em vista a teologia, semântica, acondicionamento na estrutura do livro e perspectiva escatológica. Através deste elenco, esta metodologia tem o objetivo de sublinhar, por um lado, a continuidade entre os Testamentos no tocante a promessa de YHWH de ser fonte de salvação e vida para seu povo. Por outro lado, ressalta sua descontinuidade, quando, através da imagem do Cordeiro, propõe a grande novidade: o Cordeiro imolado e ressuscitado é juntamente com YHWH a “fonte de água viva brilhante como o cristal”.

Esta novidade faz com que a escatologia receba um influxo cristológico, pois a vitória esperada por Israel, onde YHWH suprimiria todos os inimigos, é agora descrita como a vitória do Cordeiro sobre o pecado e a morte. Por ele, todo homem, de todos os tempos, recebe a vida plena com Deus.

3. Perspectivas abertas

O livro do Apocalipse encontra-se repleto de contatos intertextuais. O texto por nós analisado permitiu entrever que a metodologia intertextual apresenta-se como um poderoso instrumento na decodificação dos símbolos esmeradamente construídos pelo autor neotestamentário. A análise intertextual de Ap 22,1-5 coloca-se, assim, como ponto de partida e impulso para novas pesquisas que visem a uma justa compreensão deste último livro da Revelação.